



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Taifuba - Lisboa • Telefone: ?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

DIVORCIO ABSOLUTO

Dos jornais de ontem:

PARIS, 21.—Yudenich recebeu dos aliados 30 canhões com obuses. 22.000 espingardas, 15 milhares de cartuchos e 40.000 capotes militares.

Yudenich é, como se sabe o general monárquico reacionário que a estas horas deve talvez ter entrado em Petrogrado, tão heroicamente defendido pelos exércitos comunistas. A tomada da capital do império russo, se não tem importância militar de maior, é contudo um cheque no bolchevismo russo e repercutivamente nas aspirações proletarianas que, como tão bem se tem afirmado em todos os congressos operários, andam ligadas à sorte da Revolução russa.

Para aquéllos que acreditaram ou se fizeram eco das declarações tantas vezes feitas pelos governos dos países aliados de que estes não intervirem na questão interna da política russa, o telegrama acima deixa deslumbrados completamente, se é que havia ainda quem com sinceridade duvidasse da vergonhosa cooperação prestada, oculta ou ostensivamente, ao absolutismo czarista pela renegada democracia ocidental.

Quaisquer que sejam as opiniões a respeito do bolchevismo, sobre o que não pode haver contestação é que o movimento revolucionário iniciado na Rússia em fins de 1917 tenha tido o carácter dum auge social e é o maior acontecimento político depois da Revolução francesa dos fins do século XVIII. O gesto dos comunistas russos, mais audacioso que os convencionais franceses, apressou a evolução do proletariado no caminho da sua emancipação e autonomia e dessimilou já por todo o mundo os germens fecundados da revolução social.

E' possível que o governo comunista de Moscou venha a ser sufocado em angústia pelo imperialismo entusiasta que amarradamente protege a autocracia russa; mas dum coisa podem estar certos é que o operariado não desarma; é que o exemplo dos bravos revolucionários soviéticos vai frutificando em toda a parte, e que é tarde para extinguir o incêndio que ele ateou na alma ansiosa de justiça e de reparação das multidões, incêndio cujas labaredas também já o carcomido edifício do sistema burguês.

Se o comunismo russo se tivesse in-

tilizado a si próprio, como a princípio a reação esperava; se as facções se desgastarem a tal ponto que se extermínam entre si e acabassem por originar o caos, o triunfo não seria nosso; seria do capitalismo burguês que tinha no fracasso da revolução o maior argumento contra as teorias avançadas. Ora, pelo contrário, a impressão que deixá o bolchevismo russo é a de uma experiência dolorosa, embora, mas prometedora, e que é necessário desacreditar primeiramente, sufocar depois, para que não se torna conherida e do seu confronto edificante não resulte o aniquilamento do que está. E a premeditação do crime comece.

Assim o bolchevismo russo não morre de morte natural, por impotência de viver. O bolchevismo russo morre assassinado como a comunidade de Paris. O ódio que vai levantar em todo o mundo o vilíssimo atentado, aprofunda ainda mais o abismo entre dirigentes e dirigidos, entre capitalistas e proletários, entre servos e patrões, e vai tornar-se talvez o mais activo germen de discordância, de dissidente e de desunião que tenha surgido na história entre as classes sociais.

Aqueles dos economistas burgueses que falazmente creêm que é ainda possível uma composição amigável entre capital e trabalho, o que é o mesmo que continuar a admitir a existência de exploradores e explorados, de homens e coisas, esses podem perder completamente a esperança dum hipotético conciliação. A guerra de classes será imparávelmente propagandeada e pregada com as ardências dum apostolado. E nós veremos quem leva a melhor.

E pretendiam os miseráveis especuladores da guerra que o operariado crê-se no idealismo e na espiritualidade da luta; crêse que era uma cruzada de humanidade e de altruismo, de civilização e de progresso o que não era senão rivalidade entre negreiros, emulação de báculos. A máscara aí está caída. O espírito reacionário triunfante incarnado no bandoleirismo capitalista vai restaurar a monarquia absoluta na Hungria e a autocracia czarista na Rússia. O repto está lançado ao operariado de todo o mundo.

Pois bem, que os trabalhadores se levantem e tome a palavra a Revolução. Se o comunismo russo se tivesse in-

vitilizado a si próprio, como a princípio a reação esperava; se as facções se desgastarem a tal ponto que se extermínam entre si e acabassem por originar o caos, o triunfo não seria nosso; seria do capitalismo burguês que tinha no fracasso da revolução o maior argumento contra as teorias avançadas. Ora, pelo contrário, a impressão que deixá o bolchevismo russo é a de uma experiência dolorosa, embora, mas prometedora, e que é necessário desacreditar primeiramente, sufocar depois, para que não se torna conherida e do seu confronto edificante não resulte o aniquilamento do que está. E a premeditação do crime comece.

Assim o bolchevismo russo não morre de morte natural, por impotência de viver. O bolchevismo russo morre assassinado como a comunidade de Paris. O ódio que vai levantar em todo o mundo o vilíssimo atentado, aprofunda ainda mais o abismo entre dirigentes e dirigidos, entre capitalistas e proletários, entre servos e patrões, e vai tornar-se talvez o mais activo germen de discordância, de dissidente e de desunião que tenha surgido na história entre as classes sociais.

Aqueles dos economistas burgueses que falazmente creêm que é ainda possível uma composição amigável entre capital e trabalho, o que é o mesmo que continuar a admitir a existência de exploradores e explorados, de homens e coisas, esses podem perder completamente a esperança dum hipotético conciliação. A guerra de classes será imparávelmente propagandeada e pregada com as ardências dum apostolado. E nós veremos quem leva a melhor.

E pretendiam os miseráveis especuladores da guerra que o operariado crê-se no idealismo e na espiritualidade da luta; crêse que era uma cruzada de humanidade e de altruismo, de civilização e de progresso o que não era senão rivalidade entre negreiros, emulação de báculos. A máscara aí está caída. O espírito reacionário triunfante incarnado no bandoleirismo capitalista vai restaurar a monarquia absoluta na Hungria e a autocracia czarista na Rússia. O repto está lançado ao operariado de todo o mundo.

Pois bem, que os trabalhadores se levantem e tome a palavra a Revolução.

Propaganda mutualista a 25 escudos por conferência...

A sr. D. Maria O'Neill realiza na próxima segunda-feira, às 21 horas, na Associação das Costureiras, na rua do Benfimoso, 150, onde também está instalado o Centro Socialista, uma conferência de propaganda mutualista.

RAMBUILLET, 21.—A caçada oferecida esta tarde ao rei de Espanha, foi favorecida por um tempo sobrado. No tableau viam-se 537 peças, cuja descrição é a seguinte: 212 faições, 5 cabritos monteses, 3 leões, e 317 coelhos. O rei de Espanha matou 230 peças, ou seja: 2 cabritos, 105 coelhos e 123 faições. O rei felicitou o coronel Biavert e o sr. Granger, pela maneira incomparável como a caçada decorreu.

Afonso XIII segue para Verdun

PARIS, 21.—O rei de Espanha, que hoje janta na embaixada, não volta esta noite para o seu hotel, dirigindo-se directamente da Avenida Marceau para a estação, a fim de partir para Verdun.

Comissão administrativa da sede das associações da constituição civil

Esta comissão convida todas as direções dos sindicatos instalados na sua sede a comparecerem hoje, pelas 20 horas, a reunião desta comissão, para um assunto de grande urgência.

NO PORTO

Insubordinações a bordo de um barco brasileiro

PORTO, 21.—Em Leixões houve uma questão em que alguns tripulantes do vapor brasileiro "Cayaba" desacataram dois oficiais da canhoneira "Limpopo". No caso interveiu o consul do Brasil. Por comunicação do comandante do "Cayaba" sabe-se que os tripulantes serão punidos segundo as leis brasileiras.

A Ordem do Banho...

Convocação do Congresso

BUENOS AIRES, 21.—O presidente convocou extraordinariamente o Congresso, para 27 do corrente, a fim de examinar o projecto de empréstimo destinado aos aliados.—H.

A greve dos "dockers" em New York

NEW YORK, 21.—Terminou a greve dos "dockers".—H.

Divórcio absoluto

O rei Jorge V de Inglaterra, agradeceu com a Ordem do Banho, o sr. coronel Amílcar Mota e com a Ordem de S. Miguel e S. Jorge, os tenentes coronéis srs. Freitas Soares e Fernando Borges.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Por falta de papel

de novo se vê forçada "A Batalha" a uma redução de páginas

Com grande prejuízo da sua informação, a mór parte da qual terá de ficar retirada, vê-se obrigado o nosso jornal, em virtude da escassez de papel, a sair hoje, e provavelmente nos dias seguintes, com duas páginas apenas. A responsabilidade desta escassez parece dever ser atribuída à maneira irregular como funcionam os serviços ferroviários, e parece provar-se isto com a seguinte nota oficiosa que a Companhia do Papel do Prado acaba de enviar-nos:

Para que os interessados fiquem absolutamente certos que a Companhia do Papel do Prado, nenhuma responsabilidade cabe na falta de papel de impressão, com que está lutando a maioria das empresas jornalísticas desta cidade, a direção desta Companhia pede a v. ex. a especial finura, que desde já muito agradae, de dar publicidades à seguinte nota indicativa das datas em que foram despachadas em Paialvo as diferentes remessas de papel de impressão de jornal, que, até hoje, não chegaram à edição de Santa Apolónia:

Remessa n.º 96:139, de 21 bobines, despachada em Paialvo em 29 de Setembro; remessa n.º 96:140, 96:157 e 96:174, num total de 78 bobines, despachadas na mesma data; remessa n.º 96:185, 96:186 e 96:202, somando 48 bobines e 50 fardos, despachadas no dia 2 de Outubro; remessa n.º 96:217 a 96:219, num total de 60 bobines, despachadas em 4 de Outubro; remessa n.º 96:240, de 17 fardos, e 96:246, de 15 bobines, despachadas em 6 de Outubro; remessa n.º 96:263, de 50 fardos, despachada em 8 de Outubro.

Como se vê, há remessas despachadas em Paialvo a 29 de Setembro, que ainda não chegaram a Lisboa e calcula-se bem que uma tal desorganização nos serviços ferroviários deve determinar prejuízos do género deste que A Batalha está sofrendo. Outro remedio é o bolchevismo, por ser termo novo cujo significado a maior parte desconhece tendo dele a ideia proposta diretamente deputado nacional organizado, com a mesma roupa com que saíram do Rio, sujos e exaustos das péssimas condições em que foram obtidos a fazer a viagem.

Expulsos por serem organizadores do operariado

Desse processo se têm servido o ministério de incompetente que nos governa, e no Brasil idêntico procedimento...

Que vai fazer o governo? Expulsos?

Mas ninguém os quer. Prende-lhos?

Mas há motivo para isso?

Não é expulsar, expulsar nacionais do seu próprio país, teria graça! E mantém os presos, seria uma infâmia. E pressos até quando?

O Seculo classifica de embarras a situação do governo perante este caso. Não lhe vemos embargo algum.

O único procedimento legal e justo é este: permitir-lhes que na sua pátria

não temos de ir esperando que lhes

sejam recusados nos seus sindicatos

profissionais e serem átives elementos

da organização operária naquela capital.

Metidos nos calabouços da infecta polícia central foram no dia seguinte, 6 do corrente, metidos nos portões não menos infectos de um navio, sem roupa,

sem recursos de especie alguma, deixando a família na miséria.

OH! A REPÚBLICA!

LÁ COMO CÁ...

A BORDO DO "GELRIA"

chegaram ontem a Lisboa seis operários portugueses deportados do Rio de Janeiro

Os nossos camaradas são entregues às autoridades portuguesas

Foram esses operários que ontem chegaram a Lisboa a bordo do vapor "Gelria" e que, entregues às autoridades portuguesas, se encontram presos.

Chiamam-se esses nossos camaradas José Madeira, José Romer, José Maria de Carvalho, Galiano Tostões, António da Costa Coelho e Ricardo Correia Perpétuo.

Apresentam-se esses camaradas, que são dignos de toda a solidariedade do operariado nacional organizado, com a mesma roupa com que saíram do Rio, sujos e exaustos das péssimas condições em que foram obtidos a fazer a viagem.

Que pensa o governo para?

O único procedimento

justo e legal

Eis a notícia. Agora perguntamos como fazia O Seculo da noite de ontem:

Que vai fazer o governo? Expulsos?

Mas ninguém os quer. Prende-lhos?

Mas há motivo para isso?

Não é expulsar, expulsar nacionais do seu próprio país, teria graça! E mantém os presos, seria uma infâmia. E pressos até quando?

Toda a vida

O Seculo classifica de embarras a situação do governo perante este caso. Não lhe vemos embargo algum.

O único procedimento legal e justo é este: permitir-lhes que na sua pátria

não temos de ir esperando que lhes

sejam recusados nos seus sindicatos

profissionais e serem átives elementos

da organização operária naquela capital.

Metidos nos calabouços da infecta polícia central foram no dia seguinte, 6 do corrente, metidos nos portões não menos infectos de um navio, sem roupa,

sem recursos de especie alguma, deixando a família na miséria.

Procedimento diverso não teria

lugar sem a nossa protesta e sem a indignação de todos os espíritos justos.

NOTAS E IMPRESSÕES

NOTAS E IMPRESSÕES

A burla eleitoral

Quando eu era menino e moço, e estava no alvorecer dos meus desejados dezasseis anos, sanguem na guerra e riso eterno nos lábios, dezasseis anos revoltados como seixos diabos, fulminando tudo e todos com a sua irreverência impetuosa e atrevida, dezasseis anos, aliás, concluídos um tanto à la dire, sem que eu concorresse para que eles assim me houvessem decorrido; quando eu era menino e moço, dizia, deu-me um dia a madureza de ler prosa dum escritor brasileiro. Li. Os escritores brasileiros tem tanto juiz a ser lido por nós, seus irmãos de leite, como quaisquer outros, e portanto não deve estranhar que eu, sendo garoto ainda, por desastrio, ou por qualquer outra razão que os largos anos transcorridos não deixam afirmar bem, fizesse essa afirmação. Passou-se isto há muito tempo, mas lembro-me duma curiosa assertão do publicista. Nada menos do que isto: o português é o povo mais patriótico do mundo, seu emprego é sempre atraente para os outros, e portanto não deve estranhar que eu, sendo garoto ainda, por desastrio, ou por qualquer outra razão que os largos anos transcorridos não deixam afirmar bem, fizesse essa afirmação. Passou-se isto há muito tempo, mas lembro-me duma curiosa assertão do publicista. Nada menos do que isto: o português é o povo mais patriótico do mundo, seu emprego é sempre atraente para os outros, e portanto não deve estranhar que eu, sendo garoto ainda, por desastrio, ou por qualquer outra razão que os largos anos transcorridos não deixam afirmar bem, fizesse essa afirmação. Passou-se isto há muito tempo, mas lembro

